

REPRESENTATIVIDADE NEGRA NA LITERATURA INFANTIL: PRÁTICAS DE LEITURA QUE INCENTIVAM O EMPODERAMENTO A PARTIR DA REPRESENTAÇÃO DO CABELO CRESPO EM LIVROS INFANTIS LIDOS EM SALA DE AULA

BLACK REPRESENTATION IN CHILDREN'S LITERATURE: READING PRACTICES THAT ENCOURAGE EMPOWERMENT WITH THE REPRESENTATION OF CURLY HAIR IN CHILDREN'S BOOKS READ IN THE CLASSROOM

Sara Oliveira Paz

orcid.org/0000-0002-5295-8988

sara23oliveira@outlook.com

Especialista em Literatura e Ensino – UEMA. Graduada em Letras – UEMA.

RESUMO

A escola possui um papel democrático, social e inclusivo em nossa sociedade, sendo também considerada o principal espaço do encontro das diferenças. Porém, por muito tempo, o negro ficou em um plano secundário nas páginas dos livros, priorizando-se personagens brancos para capas e papéis de protagonistas das narrativas infantis. Dificilmente, via-se a figura do negro como príncipe, rei, rainha, ou como protagonista do enredo. Considerando essa problemática, o presente trabalho intitulado “Representatividade Negra na Literatura Infantil: práticas de leitura que incentivam o empoderamento a partir da representação do cabelo crespo em livros infantis lidos em sala de aula” objetiva evidenciar a importância da representatividade negra nas práticas de leitura para a construção do empoderamento de identidade racial, bem como para a prevenção do racismo no ambiente escolar. Discute também o papel da escola diante desse problema. Utilizou-se uma abordagem qualitativa descritiva, com procedimentos de pesquisa bibliográfica e de campo. Através do desenvolvimento do trabalho foi possível compreender que a trajetória do negro na literatura brasileira foi marcada por invisibilidades, submissão e estereótipos. Os resultados da prática desenvolvida na escola demonstram a importância da representatividade negra nas práticas de leitura, e alertam a necessidade de um trabalho contínuo em relação a valorização do cabelo crespo.

Palavras-chave: literatura infantil; representatividade negra; cabelo crespo.

ABSTRACT

The school has a democratic, social and inclusive role in our society, and it is also considered the main space where differences meet. Even so, for a long time, black people were in the background of storybooks, which prioritized white characters on their covers and white protagonists in children's narrative. A black character was hardly seen as prince, king, queen or protagonist of a story. Considering this problem, this article entitled “Black Representation in Children's Literature: reading practices that encourage empowerment with the representation of curly hair in children's books read in the classroom” aims to highlight the importance of black representation in reading practices to build racial identity empowerment, as well as for the

prevention of racism in the school environment. It also discusses the role of school in facing this problem. The qualitative descriptive research method was used. In the conduction of this research, it was possible to understand that the trajectory of black people in Brazilian literature was marked by invisibilities, submission and stereotypes. The results of school practices show the importance of black representation in reading practices and serve as an alert to the need for continuous work in relation to the appreciation of curly hair.

Keywords: *Children's literature; black representation; curly hair.*

INTRODUÇÃO

Na escola, por muito tempo, o negro ficou em um plano secundário nas páginas dos livros, priorizando-se personagens brancos para capas e papéis de protagonistas das narrativas infantis.

Difícilmente, via-se a figura do negro como príncipe, rei, rainha, ou como protagonista do enredo. Fato extremamente preocupante, em se tratando de um país, cuja população é, significativamente, negra. Diante disso, as crianças negras não se sentiam representadas nos momentos de leitura literária, visto que essa faixa etária costuma ser marcada pela forte imaginação e identificação com os personagens dos livros.

Considerando essa questão, surgiram importantes problematizações a respeito do papel democrático, social e inclusivo da escola, no que diz respeito à igualdade de oportunidades para todos os alunos e ao tratamento às diferenças, especialmente nas práticas de leitura desenvolvidas em sala de aula, considerando, inclusive, a Lei 10.639/2003 que torna obrigatório o ensino da história africana e afro-brasileira nas instituições de ensino.

Nesse contexto, é de grande relevância os seguintes questionamentos: qual a disponibilidade de livros que trazem o protagonismo de personagens negros, bem como a temática africana e afro-brasileira? E de que maneira a representatividade negra nas práticas de leitura pode contribuir para o empoderamento de crianças negras, bem como para a prevenção de práticas de racismo no ambiente escolar?

No intuito de responder esses questionamentos, a pesquisa intitulada "Representatividade Negra na Literatura Infantil: práticas de leitura que incentivam o Empoderamento a partir da Representação do Cabelo Crespo em livros infantis lidos em sala de aula" objetiva evidenciar a importância da representatividade negra nas práticas de leitura para a construção do empoderamento de identidade racial, bem como para a prevenção do racismo no ambiente escolar.

O presente trabalho contemplou o 1º e 2º ano do ensino fundamental de uma escola Municipal, localizada na zona rural de uma pequena cidade do interior do Maranhão.

O trabalho é composto pelas seguintes seções: a representação do negro na literatura brasileira; a criança negra no ambiente escolar; práticas de racismo e o papel da escola diante dessa problemática; o protagonismo de personagens negros nos círculos de leitura em sala de aula; a valorização do cabelo crespo; livros infantis selecionados para a prática de leitura na escola; resultados e considerações finais.

A REPRESENTAÇÃO DO NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

O livro tornou-se um objeto acessível e universalizado, mas nem sempre foi assim, visto que fazia parte dos privilégios da classe burguesa, e em suas páginas não havia espaço para a representação de minorias consideradas "inferiores" pelo imaginário social da época (Farias, 2018).

Assim, discutir a figura do negro nas produções literárias é uma tarefa que exige adentramento no contexto cultural, político e social do nosso país, desde a sua colonização até os dias atuais.

Segundo Farias (2018), após a abolição da escravatura no Brasil, a figura do negro iniciou sua trajetória na literatura (ainda exclusiva para adultos), partindo do ponto da inexistência para um lugar de inferioridade, marcado, essencialmente, pela posição desumana de sofrimento e submissão. É o caso da obra “Navio Negreiro”, do escritor Castro Alves, na qual o negro aparece na condição de sofrimento e desengano. “O fim do regime escravista não aboliu por completo a visão que hierarquiza as culturas e classifica as pessoas mediante a cor da pele, o formato do nariz, a cor dos olhos e a textura dos cabelos” (Cavalleiro, 2001, p. 98).

Após a abolição da escravidão, a figura do negro passou a ser mais presente em livros consumidos pelo público leitor da época, porém ainda estereotipada e de cunho submisso. Assumindo, em muitas situações, o papel do empregado, marginal, ignorante ou imoral. E quanto às mulheres negras, essas eram retratadas sob fortes pinceladas de teor sexual. É o caso da negra “Rita Baiana”, personagem do livro “O Cortiço”, de Aluísio Azevedo (Castilho, 2004).

Outro fator que contribuiu para a construção dessa imagem negativa diz respeito às correntes teóricas que valorizavam ideologias e convicções europeias sobre branquitude. Atribuindo ao negro o lugar de inferioridade e marginalização. Ratificando, dessa maneira, a íntima relação entre história e literatura, uma vez que o escritor não está alheio ao seu meio histórico, político, cultural e social (Candido, 2006).

No tocante a literatura infantil brasileira, tem-se Monteiro Lobato como primeiro escritor a produzir uma literatura que deu voz ao público infantil (Aguiar, 2001). Os personagens idealizados e criados pelo autor receberam notório reconhecimento, ocupando espaço nas instituições escolares e na televisão.

Apesar disso, o lugar ocupado pelo negro em suas obras literárias contém pontos questionáveis, sendo tema de pesquisas científicas que abordam a discriminação racial. “[...] Personagens que, ao mesmo tempo em que contribuíram para a constituição da identidade da população negra, fizeram-na de modo a relegá-la a espaços sociais inferiores quando não folclóricos ou exóticos” (Araújo, 2017, p. 61).

É primordial destacar que, a princípio, não se tinha uma literatura, exclusivamente, para crianças. Assim, as crianças liam obras adaptadas da literatura europeia. Cabe ressaltar que o início da trajetória da criança como leitora foi marcado por características moralizantes e ideológicas.

Como podemos perceber, os primórdios da literatura infantil são marcados pela intenção de formar a criança, de ensinar comportamentos e atitudes e de sedimentar uma ideologia. Durante muito tempo, as obras infantis serviram principalmente a esse propósito e só aos poucos deixaram de lado o pedagogismo e o moralismo para conquistar seu status artístico (Aguiar, 2001, p. 24).

Dessa forma, não havia espaço para temáticas sobre o imaginário infantil, visto que os livros cumpriam apenas o papel educador e doutrinário. “A literatura infantil surgiu, portanto, com fins didáticos, responsável por impor regras morais e de convívio “adequado” em sociedade” (Araújo, 2017, p. 54).

Debater a representação do negro na literatura brasileira infanto-juvenil é tecer discussões sobre prestígio social, pois, durante muito tempo, o negro ocupou um lugar secundário nas páginas dos livros infantis.

A literatura infantil que os alunos leem nas escolas com maior frequência raramente mostra famílias negras felizes e bem-sucedidas, personagens negras bem vestidas; raramente há príncipes, reis, rainhas de cor negra, assim como também não é comum ver um negro na capa de um livro, ou sendo o personagem principal (Castilho, 2004, p. 109).

Esse baixo prestígio nos livros infantis pode gerar a manutenção e fortalecimento da ideia de superioridade branca, contribuindo na desvalorização dos fenótipos de crianças negras. “A caracterização negativa de personagens negros nos livros infantis permaneceu por mais algumas décadas deixando as gerações de crianças afro-brasileiras carentes de uma literatura que lhes representassem positivamente” (Farias, 2018, p. 23).

Atualmente, no mercado editorial, tem-se uma variedade considerável de livros infantis que trazem o negro como personagem principal, ou que abordam a temática afro-brasileira. No entanto, em nossa sociedade, ainda se colhe frutos dos silenciamentos e das condições de inferioridade atribuídas ao povo negro durante o percurso histórico do nosso país.

Dessa forma, o preconceito e o racismo presentes na literatura brasileira do período escravocrata e pós-escravidão ecoaram nas produções infantis, e, possivelmente, ainda influenciam na produção e na seleção de livros destinados ao público infantil, considerando que a desigualdade social é historicamente constituída.

A CRIANÇA NEGRA NO AMBIENTE ESCOLAR

Ao frequentar a escola, a criança se depara com variadas culturas, religiões, costumes e crenças. A escola é, em muitos casos, o primeiro contato com a diversidade.

Na escola, em convívio social com outras crianças, pode-se manifestar práticas racistas, fator resultante da presença do racismo em nossa sociedade. Cabe ressaltar que as consequências dessas práticas de discriminação podem refletir não somente na infância, mas também na vida adulta. “Neginha do cabelo duro”, “neginha feia” foram alguns dos xingamentos que comecei a escutar” (Ribeiro, 2019, p. 23).

A criança negra passa a sentir-se diferente. Porém, o que é ser diferente? E quais os requisitos para se classificar alguém como diferente? Kilomba (2019) traz contribuições a respeito dessa questão no livro “Memórias da plantação episódios de racismo cotidiano”, no qual afirma que a diferença consiste em não seguir ou não se encaixar em uma norma ou em um padrão constituído.

Dessa maneira, a branquitude torna-se o ponto de referência constituído durante anos de escravidão e submissão do povo negro. A pele negra e o cabelo crespo não condizem com esse padrão, tornando-se, portanto, diferentes. Além disso, essa diferença não é meramente classificatória, uma vez que está ligada às ideias hierárquicas de inferioridade.

Simple gestos, atitudes, olhares e expressões faciais podem não ser interpretados como racismo. E, segundo Kilomba (2019), as pessoas tendem a pensar em racismo como um fato externo, ignorando pensamentos e opiniões.

Algumas perguntas como: Você penteia seu cabelo? É difícil de lavar? Por que você não alisa o cabelo? São parecidas com as que a autora propõe reflexões em seu livro, dado que são perguntas que subtendem pensamentos, opiniões e convicções negativas a respeito do cabelo afro.

Assim, o cabelo liso da mulher branca se torna o “cabelo bom”, em detrimento de todos os outros tipos, e essa questão, por conseguinte, se configura em um tema próprio da pós-colonialidade, tendo em vista que se funda na existência de um aspecto feminino de origem europeia que influencia a mulher negra a partir da colonização a ponto de causar rejeição de um traço típico da negritude, que é o cabelo afro natural (Braga, 2019, p. 60).

A pele negra e o cabelo crespo tornam-se, segundo o exposto, os principais fatores que classificam pessoas como “diferentes”, baseando-se no ponto de referência da cor branca e do cabelo liso. “[...] os negros introjetaram e internalizaram a feiura do seu corpo forjada contra eles, enquanto os brancos internalizavam a beleza do seu corpo forjada a seu favor” (Gomes, 2020, p. 23).

O racismo e a branquitude, ao operarem em conjunto, lançam dardos venenosos sobre a construção da identidade negra e tentam limitar os indivíduos negros, sobretudo as crianças e as mulheres que, ao se mirarem no espelho, veem aquilo que ele - o racismo - coloca à sua frente (Gomes, 2020, p. 19).

Ainda sobre isso, práticas de leitura que não incluem o alunado negro podem contribuir para o agravamento desses sentimentos de inferioridade. Causando prejuízos à autoestima de crianças negras, e incentivando, nas brancas, o sentimento de superioridade (Castilho, 2004). Nesse sentido, “Ninguém nasce com baixa autoestima. Ela é aprendida e resulta das relações sociais e históricas” (Cavalleiro, 2001, p. 162).

O sentimento de superioridade em crianças brancas, pode ter, em sala de aula, um solo fértil para manifestações de racismo, e, segundo Almeida (2019), o racismo é uma forma de discriminação sistematizada que se fundamenta na raça, e se manifesta de maneira intencional ou até inconscientemente. Assim, nem sempre o racismo é reconhecido pela vítima e por quem o pratica, visto que “é algo tão presente em nossa sociedade que muitas vezes passa despercebido” (Ribeiro, 2019, p. 38).

Trazer a temática do racismo para o ambiente escolar é extremamente relevante, uma vez que para (Ribeiro, 2019, p. 38) “o silêncio é o cúmplice da violência”. “É importante ter em mente que para pensar soluções para uma realidade, devemos tirá-la da invisibilidade” (Ribeiro, 2019, p. 30).

A discussão sobre preconceito e cabelo crespo também é o tema central do livro “O papel da escola na desconstrução do racismo”, de Cristiane da Silva Braga, no qual descreve situações de alunas que sofriam discriminação na escola.

Percebemos ao longo da convivência com os alunos de uma determinada escola pública do Ensino Fundamental na cidade de São Paulo, localizada no extremo da zona leste, onde algumas meninas eram excluídas do convívio em grupo por não alisarem o cabelo. Sofriam xingamentos pelos colegas e era explícito que sentiam vergonha do seu corpo e cabelo, por irem todas as aulas com cabelo bem amarrado usando touca e agasalho fechado (Braga, 2018, p. 7).

Situações de discriminação são desafios para professores, coordenadores, supervisores e gestores, dessa forma, é de grande relevância que toda a escola se mobilize para o enfrentamento dessa problemática da melhor forma possível.

O PAPEL DA ESCOLA NA PREVENÇÃO DO RACISMO

Romper com os silenciamentos, estereótipos e preconceitos existentes em nossa sociedade não é uma tarefa fácil. É preciso movimentar ações não apenas em datas de destaque como, por exemplo: o dia vinte de novembro, em que se comemora o dia da consciência negra. Trata-se de um trabalho rotineiro e efetivo, considerando a Lei nº10.639/03. Segundo esse documento, é obrigatória a inclusão da “história e cultura afro-brasileira” no currículo oficial da rede de ensino de escolas públicas e privadas (Brasil, 2003).

É crucial que a escola desenvolva ações educativas com o objetivo de trabalhar o respeito à diversidade, oportunizando um espaço democrático e livre de toda forma de racismo.

Ainda que a escola sozinha não seja capaz de reverter anos de desqualificação da população negra e supervalorização da população branca, a longo prazo ela pode desempenhar um importante papel na construção de uma nova cultura, de novas relações que vão além do respeito às diferenças. Possibilitando que todas as vozes possam ecoar no espaço escolar, chegar-se-à consciência de que é na diversidade que se constrói algo novo (Cavalleiro, 2001, p. 102).

O professor tem um papel fundamental em projetos desenvolvidos pela escola. Vale salientar que o presente trabalho não entende o professor como responsável por possíveis práticas de racismo, mas como um forte aliado para a prevenção.

Para que o esforço de respeitar e honrar a realidade social e a experiência de grupos não brancos possa se refletir num processo pedagógico, nós, como professores – em todos os níveis, do ensino fundamental à universidade –, temos de reconhecer que nosso estilo de ensino tem que mudar (Hooks, 2013, p. 51).

E qual seria uma possível mudança em relação à problemática da presente pesquisa? Baseando-se nas contribuições de Ribeiro (2019), trata-se, nessa perspectiva, de promover o protagonismo do alunado negro, discutindo a temática das diferenças raciais e rompendo com invisibilidades e silenciamentos no ambiente escolar.

Debater o papel da escola é, sem dúvida, trazer para discussão o importante papel do professor em sala de aula. Reconhecendo a sua contribuição no que diz respeito ao trabalho contínuo de romper com silenciamentos, estereótipos e preconceitos em relação aos alunos negros.

Nesse sentido, simples ações podem fazer toda a diferença, como por exemplo: elogios que valorizam a cor negra e o cabelo afro, narrativas orais que trazem personagens negros como protagonistas ou heróis, livros infantis escolhidos de maneira cuidadosa e inclusiva, entre outras ações.

Gomes (2003), citada por Araujo (2017), afirma que a escola é um espaço que pode interferir, de maneira positiva e negativa, na construção da identidade negra.

Se a escola é capaz de exercer tal influência sobre a formação identitária dos sujeitos nela inseridos, é possível concordar que a responsabilidade no combate a toda forma de discriminação tem também sua força de ação no interior da própria escola (Araujo, 2017, p. 80).

Dessa forma, a instituição escolar desempenha um papel fundamental na formação de crianças negras e brancas, contribuindo para uma sociedade mais igual e democrática. E, através de políticas públicas organizadas pode-se construir um espaço inclusivo, acolhedor e livre de preconceito. Possibilitando a representação do alunado negro, desde ações que exigem um maior planejamento como projetos mais elaborados desenvolvidos na escola, até prazerosas narrativas infantis que trazem personagens negros como protagonistas.

O PROTAGONISMO DE PERSONAGENS NEGROS NOS CÍRCULOS DE LEITURA EM SALA DE AULA: DESENVOLVIMENTO DA PRÁTICA

A prática de leitura foi realizada no dia 22/09/2022, em uma escola localizada na zona rural.

A escola não possui um espaço próprio para biblioteca, os livros são organizados entre seus compartimentos.

O presente trabalho contemplou os alunos e alunas do 1º e 2º ano do ensino fundamental. Esses anos, segundo a Base Nacional Comum Curricular – BNCC, focam na alfabetização, buscando desenvolver, de maneira articulada, as habilidades de leitura e escrita através de diversificadas práticas de letramento.

Foi organizado um círculo com 22 crianças, dentre elas 7 negras, sendo 5 meninos negros e 2 meninas negras. A proposta do círculo de leitura baseia-se nas relevantes contribuições de Cosson (2021).

Após uma dinâmica, foi apresentado um cartaz com a imagem de um jabuti. Foram feitas as seguintes perguntas: vocês sabem que animal é esse? Sabem por que o casco dele é rachado? Querem conhecer a historinha dele? Querem saber por que será que todos os jabutis têm os cascos “rachadinhos” assim?

Iniciou-se então a leitura do conto “O jabuti de asas” do livro “Contos africanos para crianças brasileiras”, de Barbosa (2016). As crianças, a todo momento da narrativa, mantiveram atenção na leitura e se divertiram com o desfecho do conto.

Após essa leitura, abriu-se espaço para uma conversa sobre herança racial. Então, foi explicado às crianças que todos os jabutis da terra herdaram essa característica do casco rachado desse jabuti da história. Explicando, de maneira simples, que todos os “filhos” desse jabuti herdaram essa característica do “pai”, e assim por diante, até os dias atuais.

Ainda trabalhando essa questão da herança racial, com auxílio de um projetor, disponibilizado pela direção da escola, foi apresentado às crianças algumas fotos do meu pai e do meu avô, ambos negros. Durante essa exposição, rapidamente, as crianças assimilaram esse assunto, olhavam e apontavam nossas semelhanças físicas: cor, cabelo e nariz.

Nesse momento, foi entregue um espelho às crianças do círculo de leitura, e cada uma olhou-se no espelho. Diziam: “sou parecida com a mamãe”, “sou parecido com o papai”, “sou parecida com a vovó”.

Feito isso, foi apresentado um cartaz com a imagem de princesas negras da África. E, em seguida, o livro “O pequeno príncipe preto”, enfatizando-se que pessoas negras são descendentes de príncipes e princesas do continente africano.

Durante a apresentação e leitura dos livros selecionados, o foco prevaleceu nos fenótipos de cor, cabelo, boca e nariz das ilustrações, e, segundo Araújo (2009), essas imagens sensibilizam e educam o olhar da criança.

Entre um intervalo de um livro e outro, levantavam-se as perguntas: “quem tem cabelo de princesa?”, “quem tem a cor de princesa?”, “quem tem cabelo de rei?” e “quem tem cor de príncipe?”, “quem se parece com o príncipe do livro?”, as crianças negras respondiam em altas vozes: “eu!”.

De todos os livros lidos em sala de aula, o que mais provocou reações e manifestações mais explícitas foi o livro “o cabelo de Lelê”, de Belém (2012). Isso pelo fato de que as ilustrações do livro chamam bastante atenção, pois são imagens de cabelo crespo/cacheado volumoso e atraente, presentes, inclusive, na capa do livro.

Do ponto de vista material, o livro deve cativar o leitor por sua aparência, uma vez que o contato físico é o primeiro que acontece e já vem carregado de sentidos, apoiado nas primeiras impressões que desperta. Quanto menor o leitor, maiores são as letras e mais espaço é dado à ilustração (Aguilar, 2001, p. 64).

Através das ilustrações dos livros infantis selecionados para a prática de leitura, as crianças negras tiveram a oportunidade de identificação com os personagens, e, puderam enxergar, de maneira positiva, a posição de destaque dada aos personagens negros, bem como a valorização dos seus cabelos. “Ou seja, construir novos cânones de beleza e da estética que dão positividade às características corporais do negro” (Gomes, 2020, p.24). Assim, ao explicar que o cabelo crespo/cacheado vem de príncipes e princesas da África, as crianças negras ficaram empolgadas.

A VALORIZAÇÃO DO CABELO CRESPO

Propor a valorização do cabelo crespo é ter conhecimento do percurso do negro na história do nosso país, e, a partir disso, movimentar ações que desconstruam padrões a respeito desse problema.

Através das relações “raciais” no Brasil como em outras partes do mundo marcadas pelas práticas racistas, aos negros foi atribuída uma identidade corporal inferior que eles introjetaram, e os brancos se autoatribuíram uma identidade corporal superior. Ora, para libertar-se dessa inferiorização, é preciso reverter a imagem negativa do corpo negro, através de um processo de desconstrução da imagem anterior e reconstrução de uma nova imagem positiva (Gomes, 2020, p. 23).

Isso significa, portanto, que mais que propor um novo olhar sobre essa questão, é importante também entender e desconstruir concepções canonizadas. Assim, antes de tudo, é preciso que conheçamos nossa história, nossas dores e lutas, para então pensar em ações que tragam uma nova visão a respeito do povo negro.

Destaca-se, segundo o exposto, a histórica desvalorização do cabelo crespo, esse sendo um dos principais atributos do corpo negro, motivo, em muitas situações, de práticas de racismo e discriminação. “Quanto mais preta é a cor da pele e mais crespo é o cabelo, mais as pessoas que possuem tais características são desvalorizadas e ensinadas a se desvalorizar, não só esteticamente, mas também enquanto seres humanos” (Gomes, 2020, p.19).

Segundo Gomes (2020), é crucial compreender o cabelo crespo não apenas como uma parte biológica e física do corpo, mas também como símbolo de resistência e identidade negra. E isso traz a necessidade de um amplo movimento educacional, uma vez que a escola tem o papel de formar cidadãos críticos e conscientes. Dessa forma, trabalhar a base é fundamental, propondo práticas de leitura com livros infantis que abordam a temática do cabelo crespo.

LIVROS INFANTIS SELECIONADOS PARA A PRÁTICA DE LEITURA NA ESCOLA

Os livros selecionados para a prática desenvolvida na escola foram escolhidos em observância à faixa etária dos alunos do 1º e 2º ano, participantes do círculo de leitura proposto pela presente pesquisa.

A prática contou com o total de sete livros infantis: “O jabuti de asas” (2016) de Rogério Andrade Barbosa, “O pequeno príncipe preto” de França (2020), “Koumba e o tambor diambê” de Costa (2009), “O cabelo de Lelê” de Belém (2012), “Meu crespo é de rainha” de Hooks (2018), “Princesas Negras” de Meireles e Souza (2018), e “O mundo no black power de Tayó” escrito por Oliveira (2013).

O livro “Contos africanos para crianças brasileiras”, escrito por Barbosa (2016), ilustrado por Maurício Veneza, traz contos da literatura tradicional africana, explorando o folclore local.

O conto “O jabuti de asas” tem a herança racial como tema central, trazendo respostas, de maneira divertida, sobre características físicas herdadas de geração em geração. Na história, a rachadura dos cascos dos jabutis se explica pela “queda do céu” de um jabuti ancestral (personagem principal do conto). “Os jabutis, contam os mais velhos, sempre foram respeitados por sua sabedoria e prudência. Mas, por causa da ganância de um deles, todos os parentes passaram a ter o casco rachado” (Barbosa, 2016, p. 17).

Em “O cabelo de Lelê”, autoria de Belém (2012), ilustrado por Adriana Mendonça, optou-se por muitas imagens atraentes que chamam atenção para o cabelo crespo de Lelê, única personagem do livro. A curiosidade sobre a origem dos cachos surge na mente da menina Lelê, e, a partir disso, passa a buscar respostas sobre seu cabelo, encontrando-as em um livro. “Mexe e remexe até encontrar o tal livro, muito sabido! Que tudo aquilo pode explicar” (Belém, 2012, p.13).

O enredo valoriza o cabelo crespo, trazendo ilustrações de cabelos afros, penteados e adereços. “Puxado, armado, crescido, enfeitado, torcido, virado, batido, rodado, são tantos cabelos, tão lindos, tão belos!” (Belém, 2012, p. 14).

No livro “O pequeno príncipe preto”, escrito por França (2020), com ilustrações de Juliana Barbosa Pereira, tem-se como personagem principal um príncipe negro, que ao viajar para alguns países, conhece diferentes personagens.

Ao decorrer do livro, ensinamentos morais são passados, mas, sem dúvida, as principais características da obra são sobre a temática da ancestralidade presente também no destaque das características físicas do personagem principal, representado por texto e ilustrações. “A minha pele é da cor desse solo. Quando eu rego fica mais escuro, cor de chocolate, de café quentinho” (França, 2020, p. 10). “A minha boca é grande e carnuda [...] eu tenho nariz de batata. Eu adoro batata e adoro meu nariz” (França, 2020, p. 11).

A obra de Hooks (2018), intitulada “Meu crespo é de Rainha”, livro ilustrado por Chris Raschka, traz como temática central a beleza dos tipos de cabelo crespo. O livro conta com variadas ilustrações atraentes que permitem adentrar no universo de texturas, penteados, adereços e formas.

“Koumba e o tambor diambê”, escrito por Costa (2009), ilustrado por Rubem Filho, traz, em um tamanho reduzido, páginas coloridas com personagens negros. As ideias principais do livro são a ancestralidade e o respeito às diferenças.

“Princesas Negras”, de Meireles e Souza (2018), ilustrado por Juba Rodrigues, aborda a africanidade através do enredo que descreve as características de princesas negras. O livro valoriza a cor negra, descrevendo cabelos crespos, penteados e acessórios que fazem parte da cultura. “Sim! A pele das princesas negras carrega tanta sabedoria, que algumas, de tanta melanina, até brilham. Como joias” (Meireles; Souza, 2018, p. 9).

E há princesas negras que preferem deixar seus cabelos ainda mais pra cima. Para isso, usam um tipo especial de pente e deixam seus cabelos no estilo “black power”, que quer dizer “poder negro”. Outras princesas fazem diferentes tipos de tranças, ou entram na onda rastafári, os lindos “dread looks” (Meireles; Souza, 2018, p.10).

Através das descrições presentes em todo o livro, é possível compreender que princesas negras são mulheres negras reais, que esbanjam beleza e cultivam simplicidade.

Por fim, tem-se o livro “O mundo no black power de Tayó”, da escritora Oliveira (2013), ilustrado por Taisa Borges. A obra conta a história de Tayó, uma menina que ama seus cabelos. “Sobre a cabeça, a parte do corpo de que ela mais gosta, ostenta seu enorme cabelo crespo [...]” (Oliveira, 2013, p.17). Esse livro de cores fortes traz textos que falam sobre valorizar o cabelo afro, explorar adereços, penteados, formas e cores. Tayó entende a ancestralidade presente no seu cabelo crespo, e sente orgulho de fazer parte do nosso povo negro.

RESULTADOS DA PRÁTICA

Ao falar da cor negra, observou-se que as crianças negras reagiam como se compreendessem que, de alguma forma, aquele assunto lhes pertenciam. Faziam alegres expressões faciais, quando, por exemplo, eram questionadas: “quem tem a cor de príncipe e princesa?” “Quem tem a cor de chocolate?”.

Um dos meninos negros fez a seguinte pergunta: “Minha cor é de chocolate?” com um sorriso ansioso por uma resposta positiva.

Ao expor os livros com ilustrações que valorizam a cor negra, o cabelo crespo, a boca carnuda, o nariz mais largo, foi perceptível que meninas brancas demonstravam interesse nessas características, pois, durante a prática, foi possível observar algumas meninas tocando no próprio cabelo (realizando movimentos circulares).

Com a exposição do livro “O cabelo de Lelê” (livro que provocou mais reações devido às ilustrações de cabelo cacheado/crespo volumoso), as meninas brancas ficavam mais animadas que as próprias meninas negras. E os meninos negros davam altas risadas de teor negativo.

Foi possível observar que os meninos negros foram os que mais assimilaram a valorização da cor negra, reconhecendo-se nas páginas dos livros e compreendendo a beleza da cor dos seus corpos, porém, no que diz respeito ao cabelo crespo, através das suas reações e comentários, ficou nítido que não viam beleza nas ilustrações, pois manifestavam altas risadas a cada imagem exposta.

As crianças demonstraram interesse pelos livros lidos, e, ao final da prática, ao serem questionados sobre quem queria recebê-los, todos responderam que sim. Dessa maneira, foi realizado um sorteio com os nomes de todas as crianças que participaram desse momento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio da prática de leitura desenvolvida, foi possível perceber, através das expressões faciais das crianças, que a representatividade negra nos livros infantis parecia ser algo novo para elas. Além disso, não apresentavam ideias construídas sobre a origem da cor negra e de seus cabelos cacheados e crespos.

Práticas de leitura que trazem o protagonismo de personagens negros têm um relevante papel na construção do empoderamento racial de crianças negras, bem como na prevenção do racismo no ambiente escolar, pois a presente pesquisa contribuiu para o aumento da autoestima do alunado negro, desempenhando também um importante papel na prevenção de possíveis sentimentos de superioridade em crianças brancas.

Apesar do ótimo desenvolvimento da prática de leitura, foi possível perceber indícios de preconceitos em relação ao tamanho/volume de cabelos crespos, tornando-se necessário o desenvolvimento de um trabalho contínuo sobre essa questão.

Observou-se, por meio da realização deste trabalho, que os alunos negros se identificaram com os personagens dos livros lidos, e, de maneira positiva, enxergaram-se neles, sendo, portanto, de extrema importância refletir sobre os tipos de imagens e modelos que a escola tem passado, em suas práticas de leitura, para as crianças negras do nosso país.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, V. Te. de et al. **Era uma vez... na escola**: formando educadores para formar leitores. Belo Horizonte: Formato, 2005.
- ALMEIDA, S. L. de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- ARAÚJO, D. O. **Personagens negras na literatura infantil**: o que dizem crianças e professoras. Curitiba: CRV, 2017.
- ARAÚJO, R. da C. Para além das palavras: A ilustração e o livro infantil contemporâneo. **Revista Mosaicum**, Bahia, Fasb, ano 5, n. 10, jul./dez. 2009.
- BARBOSA, R. A. **Contos africanos para crianças brasileiras**. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 2016 (Coleção Árvore Falante).
- BELÉM, V. **O cabelo de Lelé**. São Paulo: IBEP, 2012.
- BRAGA, C. da S. **O papel da escola na desconstrução do racismo**. 2. ed. São Paulo: EDICON, 2018.
- BRAGA, C. R. V. **A literatura movente de Chimamanda Adichie**: pós colonialidade, descolonização cultural e diáspora. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 2019.
- BRASIL. **Lei n. 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências., Brasília, DF: Presidência da República, 2003. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/l10639.htm#:~:text=L10639&text=LEI%20No%2010.639%2C%20DE%209%20DE%20JANEIRO%20DE%202003.&text=Altera%20a%20Lei%20no,%22%2C%20e%20d%C3%A1%20outras%20provid%C3%AAs. Acesso em: 23 out. 2021.
- CANDIDO, A. **Literatura e Sociedade**. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.
- CASTILHO, S. D. de. A Representação do Negro na Literatura Brasileira: Novas Perspectivas. **Olhar de Professor**, Ponta Grossa, v. 7, n. 1. p. 103-113, 2004. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/1418/1063>. Acesso em: 23 out. 2021
- CAVALLEIRO, E. dos S (org.). **Racismo e Antirracismo na educação**: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- COSSON, R. **Como criar círculos de leitura na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2021.

- COSTA, M. **Koumba e o tambor diambê**. 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.
- FARIAS, J. O. A Representação do negro na Literatura Brasileira. **Revista Periferia**, Rio de Janeiro, v. 10, n.1, p. 17-32, jan./jun. 2018. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/periferia/article/view/30495>. Acesso em: 23 out. 2021
- FRANÇA, R. **O pequeno príncipe preto**. 1. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2020.
- GOMES, N. L. **Sem perder a raiz**: corpo e cabelo com símbolos da identidade Negra. 3. ed. rev. ampl. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- HOOKS, B. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática de liberdade. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.
- HOOKS, B. **Meu crespo é de rainha**. São Paulo: Boitatá, 2018.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano / Grada Kilomba; tradução Jess Oliveira. 1.ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- MEIRELES, A. C. **Princesas Negras**. Rio de Janeiro: Malê, 2018.
- OLIVEIRA, K. de. **O mundo no black power de Tayó**. São Paulo: Peirópolis, 2013.
- RIBEIRO, D. **Pequeno manual antirracista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.